

## FOTOGRAFIA-CIÊNCIA-OBJETO

### *nota de abertura*

---

A Fotografia enquanto produto de ciência, suporte de ciência e registo de ciência é, dentre todas as invenções humanas, uma das que mais permite associações consigo e com o que a rodeia. A fotografia apropria-se dos objetos, pelo seu registo, explica-os e destrói-os pela imagem captada.

Desde a comunicação da sua invenção, em 1839, por François Dominique Arago, na Academia de Ciências da França, que uma das suas potencialidades foi a de registar os objetos. Objeto num sentido lato, enquanto coisa, que poderia ter escalas tão diversas como as pirâmides do Egipto ou as louças de uma natureza morta. Com o desenvolvimento técnico das máquinas fotográficas, essa escala alargou-se da ínfima parte do objeto, da célula à lua, enquanto coisa possível de se fixar numa chapa.

Por isso, o eixo *fotografia-ciência-objeto* é tão evidente quanto complexo e problematizante, mantendo-se ao longo de toda a História da Fotografia, não obstante as derivações categóricas da mesma, ou a sua transformação e diversificação por outros meios e canais de difusão. Da fotografia abstrata, que recorta o objeto, às macros, que procuram captar os elementos que o compõem, passando pelo registo de inventário das obras de arte e arqueologia, o eixo em discussão possibilita múltiplos olhares sobre a fotografia e a imagem fotográfica.

Para o presente número da *Revelar* destacámos: a) a fotografia abstrata dos primeiros movimentos artísticos da Fotografia; b) a aplicação da Fotografia aos estudos científicos da medicina e da antropologia, nomeadamente através dos seus grandes avanços técnicos, que o raio X e a imagiologia ilustram enquanto formas de exploração do corpo humano; c) os primeiros projetos de inventários fotográficos ou a utilização da fotografia no registo museológico, histórico, patrimonial; d) A fotografia de publicidade e os objetos de consumo; e) e até questões filosóficas, como as da objetificação dos indivíduos pela fotografia e dos indivíduos e do próprio sujeito que fotografa e que se fotografa.

Os trabalhos recebidos, que abrangem quase todos os pontos acima elencados, mostram o interesse pelo tema, a sua vitalidade e o olhar multidisciplinar que a fotografia permite ao longo da sua História.

Também os ensaios fotográficos publicados neste número dissertam pela fotografia e as suas qualidades em captar o limiar entre o vazio/cheio, a presença e a ausência da *coisa* e do *nada*.

Nuno Resende,  
o editor

## PHOTOGRAPHY-SCIENCE-OBJECT

### *opening note*

---

Photography as a scientific product, medium and record, is, from all of the human inventions, the one that most allows associations with itself and those surrounding it. Photography appropriates objects by capturing them; explains and destroys them through the rendered image.

Since the announcement of its invention by François Dominique Arago, in 1839, at the French Academy of Science, one of its highlights was its potentiality to register objects. Object as a thing, *latu sensu*, that could be comprised from the pyramids of Egypt to still life crockery. Such scale, along with the technological development of the photography cameras, widened from the minutest detail of an object: from the cell to the Moon, anything is possible to fix to a plate.

Thus, the axis *photography-science-object* is so evident and constant throughout the History of Photography, regardless of all its categorical derivations, or its transformations and diversification through other media and broadcast channels. From abstract photography, that cuts-up the object, to macro photography, that tries to capture its composing elements, as well as the inventory records of works of art and archaeology, the axis in discussion allows multiple viewpoints on photography and the photographic image.

In this sense, this issue of *Revelar* highlighted: a) the abstract photography from the early Photography artistic movements; b) the use of Photography in the scientific studies of medicine and anthropology; c) the first projects of photographic inventories or the use of photography as a museological, historical and heritage record; d) Advertisement photography and the objects of consumption; d) or even philosophical issues, such as the individual objectification through photography.

The submitted works cover almost all of the above listed themes and point the interest in the topic, its vitality and its multidisciplinary vision that photography allows on the course of its history.

Also the photographic essays in this issue are a photography lecture on its ability to capture the *(no)thing*: the liminality between the full and the empty, the presence and absence of things.

Nuno Resende,  
the editor